

**“Eu adoro ser mulher de militar”:  
Estudo exploratório sobre a vida das esposas de militares**

Fernanda Chinelli Machado da Silva<sup>1</sup>

A comunicação tem como principal objetivo apresentar alguns dos resultados preliminares de uma pesquisa em curso sobre esposas de militares. Tratarei do que pode ser considerada uma dimensão fundamental na vida militar, a vida em família e a dedicação das esposas. Apesar de sua importância, este tem sido um tópico pouco explorado pelas ciências sociais. Recuperar, ainda que parcialmente, as atitudes e práticas das mulheres - seus projetos de vida, suas estratégias de sociabilidade, as funções que desempenham em relação à carreira de seus maridos, etc. - permite articular questões não só sobre a vida militar, mas também sua influência sobre questões de gênero e estrutura familiar.

O objetivo principal é tentar compreender as maneiras pelas quais essas mulheres compartilham, através dos maridos, os valores militares, quais são suas estratégias de sociabilidade e margem de manobra na construção da individualidade em um espaço marcado pelos princípios da hierarquia, da disciplina e espírito corporativo. Pretendo abordar aspectos da vida dessas mulheres como as constantes mudanças de residência; as dificuldades de construir uma carreira profissional independente e desenvolver projetos individuais; a união, a cooperação e a chamada “família militar”, mas também a tensão e conflitos presentes entre elas; e a convivência cotidiana nos prédios e vilas militares.

Tenho como principais informantes as esposas de oficiais militares que atualmente cursam a Escola de Comando do Estado-Maior do Exército, qualificada como pós-graduação e passagem obrigatória para os oficiais que pretendem alcançar o generalato. Considero tal recorte importante pois garante que os cônjuges de minhas entrevistadas estejam em uma posição já algo consolidada na carreira militar, e residam no Edifício Praia Vermelha, de uso

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. Orientador: Gilberto Velho.

exclusivo de militares do Exército Brasileiro e de suas respectivas famílias<sup>2</sup>. Considero que a posição ocupada por seus maridos na carreira se reflete nas escolhas destas mulheres e nas suas percepções acerca da vida militar e da trajetória individual de seus cônjuges. Além disto, o lugar comum de residência facilita a apreensão de como elas encaram a convivência cotidiana no ambiente militar, dimensão também determinante na vida mulheres em questão.

Tenho também como objetivo observar como os valores militares, principalmente aqueles que ressaltam o espírito de coletividade e os princípios de hierarquia e disciplina, têm influência direta na vida das mulheres de militares, mas são por elas apropriados segundo modalidades e estratégias específicas.

Alguns exemplos de como alguns dos princípios que ditam a vida na caserna são incorporados aos espaços de sociabilidade e moradia das famílias de militares são: a imagem, muitas vezes idealizada, da “Família Militar”, base das relações de solidariedade e reciprocidade que predominam no ambiente; as regras de convivência formais e informais do prédio; o controle social que opera entre os oficiais e seus familiares. Por outro lado, considerarei também como as esposas manipulam tais restrições contextuais de modo a produzir projetos e trajetórias diferenciadas.

Assim, será fundamental para minha análise o conceito de projeto, tal como formulado por Gilberto Velho (1994), que significa uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas”, segundo caminhos escolhidos subjetivamente dentre um “campo de possibilidades”, informado pelos paradigmas culturais compartilhados.

Outro conceito fundamental para este trabalho é o de rede social, tal como formulado por Bott (1976:212). Não pretendo utilizar o termo de maneira a identificar, como faz a autora, “redes de malha estreita” e “redes de malha

---

<sup>2</sup> O Edifício Praia Vermelha é um prédio de 14 andares e mais de 20 apartamentos por andar, onde residem cerca de 2.000 pessoas. O prédio está situado na Urca, bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro, próximo a pontos turísticos como o Corcovado e a Praia da Urca.

frouxa”, nem demonstrar como o grau de densidade da rede influencia no padrão dos papéis conjugais, isto devido às especificidades do caso estudado. Por exemplo, poder-se-ia pensar que o tipo de rede social que definiria as relações entre famílias de militares seria a de “malha frouxa”, já que a constante mobilidade social distancia os indivíduos de seus parentes e dificultaria o estabelecimento de relações intensas entre os indivíduos. Entretanto, muitas vezes estas relações, apesar das distâncias geográficas, estão pautadas pela freqüência de contatos, atitudes solidárias e favores recíprocos característicos das “redes de malha estreita”. Mesmo assim, caracterizá-las como tal seria também insuficiente, já que, muitas vezes, tais atitudes solidárias e a ajuda mútua, são frutos de motivações não necessariamente espontâneas, mas estabelecidas institucionalmente<sup>3</sup>. No entanto, o conceito de rede social é importante para a compreensão das maneiras pelas quais as relações conjugais e familiares e o meio social estão em uma relação de influência recíproca.

O trabalho de campo consistiu, principalmente, em visitas periódicas ao prédio. Foram realizadas 15 entrevistas formais, além de conversas informais nos corredores do prédio antes ou depois das entrevistas. Pude também presenciar uma das atividades mais comuns entre as mulheres do EPV, que é buscar os filhos que chegam das escolas ao prédio através do ônibus escolar, além de uma reunião das esposas para definir as atividades sociais do ano.

\*\*\*

Os constantes deslocamentos geográficos de seus maridos constitui um dos aspectos da rotina das esposas de militares que não só interfere na vida da família como um todo, como dita boa parte das condições de possibilidade de seus projetos individuais, visto que, torna quase impossível que elas consigam concluir um curso de graduação ou a permanência em atividades remuneradas, enfim, de constituírem uma carreira profissional.

---

<sup>3</sup> Um exemplo é a atribuição de um casal de “padrinhos”, “veteranos” do segundo ano da Eceme, a cada novo casal que ingressa no primeiro ano da turma. Os “padrinhos” escolhem seus “afilhados” dentre uma lista distribuída pela instituição e devem auxiliar na mudança e adaptação do casal.

Sabe-se que, há algumas décadas, as mulheres que trabalhavam fora não eram muito bem vistas pela sociedade que lhes reservava o papel de dona de casa e o cuidado do marido e dos filhos. Eram aceitas atividades remuneradas no âmbito doméstico, mas não eram encaradas como trabalho, mas sim como “ajuda” ao marido quando alguma dificuldade se apresentava. As mulheres de classe média podiam trabalhar como professoras, mas vale lembrar que a carreira era encarada como “sacerdócio”, além de ser considerada uma atividade tipicamente feminina, quase uma extensão do papel de mãe. Isto também se aplicava às mulheres de militares, como observa uma das entrevistadas, que se casou em 1962:

“De dez mulheres de militar, naquela altura, uma trabalhava fora. A outra tinha uma kombi, trabalhava em casa, fazia uma bijuteria um bordado, e fazia transporte para o colégio. Isso era permitido. Eu fazia bordados e mandava tudo para Belém. Eu gostava muito de trabalhos manuais. (...) Eu fiz curso de maquiagem. Eu fazia muita maquiagem. As pessoas iam na minha casa e eu as maquiava e ganhava um dinheirinho. Eu sempre procurei ganhar algum dinheiro e me ocupar com alguma coisa. (...) Mulher de militar deveria ser mais dedicada, estar sempre pronta... Professora era a única carreira aceita, entre aspas.”

Percebe-se que esta dificuldade de conciliar trabalho e vida doméstica não se alterou muito ao longo dos anos. Muitas casam-se ainda muito jovens, têm filhos, não conseguindo ingressar em uma universidade. Aquelas que conseguem, acabam muitas vezes não concluindo o curso, devido às diferenças curriculares entre as universidades. Outras desistem antes mesmo de começar o curso.

“Tem uma amiga nossa que está há nove anos fazendo uma faculdade de direito. Porque em cada estado é diferente, as matérias são diferentes, ela tem que voltar nas outras matérias que ela já tinha eliminado... Então tem essa dificuldade.”

“Eu tinha dezoito anos quando conheci o [nome do marido]. E eu dizia que não ia casar com militar de jeito nenhum. Meu sonho era cursar medicina e viver a minha vida, trabalhar, fazer cirurgia plástica, era o meu sonho. E quando eu conheci o [nome do marido], ele dezoito anos mais velho do que eu, eu não sabia a patente que ele era, só sabia que ele era militar. E eu me apaixonei por ele, não pela profissão dele. E depois não tive como negar, ele já era capitão, dezoito anos mais velho do que eu, e aconteceu da gente casar. Mas não pela farda, não pelo fato dele ser militar.”

Mesmo no caso das entrevistadas que complementam a renda da família com trabalhos manuais, seus produtos têm um âmbito de circulação

muito restrito, visto que são quase sempre comercializados em feirinhas organizadas muitas vezes dentro do próprio prédio ou vila militar.

“Nós temos amigas que são médicas, advogadas, professoras, e têm que deixar o trabalho pra viver essa vida. Porque a gente mora dez meses, dois anos, em cada estado diferente. A gente deixa de viver um pouco pra gente. (...) Apesar de ter deixado de lado uma profissão, meu sonho de fazer uma faculdade de medicina. Eu abri mão de tudo isso. Hoje eu sou artista plástica, trabalho em casa, como muitas amigas também. A gente joga nesse lado.”

“(...) e como nós não trabalhamos, né, não temos a oportunidade de trabalhar, cada uma procura trabalhar com o que sabe. Quadros, eu trabalho com velas, com roupas... Todo lugar tem um lugarzinho que a gente monta uma salinha, ali onde a gente faz a nossa feirinha de artesanato. A cada duas semanas tem um grupo lá que vende aquilo que produz. E às vezes a gente troca... E assim a gente vai vivendo.”

De fato, as entrevistas realizadas revelam que a possibilidade de permanecerem em uma cidade por motivos profissionais quando da transferência de seus maridos, é quase sempre descartada, exceto quando a distância entre uma cidade e outra permite visitas freqüentes ou quando a atividade é flexível, de modo a facilitar os deslocamentos.

“Porque eu poderia ficar assim. Não, vou ficar trabalhando aqui e você vai lá, faz o seu curso e depois você volta. Mas a vida não é isso, a vida não é um emprego. Eu acho que tem coisas muito maiores na vida. Prá mim e prá ele, a família está em primeiro lugar.”

“O amor você constrói todo dia. Não adianta você simplesmente, ah, conheci, me apaixonei, casei e estou amando. Se você não investir cada dia um pouquinho, né, naquele relacionamento, naquela pessoa, isso com o tempo vai embora. Eu acho que é assim, família prá mim, família é família, tem que estar junto. É nos momentos difíceis, é nos momentos alegres, mas tem que estar junto”

Percebe-se, então, que o “amor conjugal”, a unidade da família e a predominância do trabalho do homem, visto como “chefe de família”, são valores fundamentais no caso estudado, cujas raízes culturais remontam ao desenvolvimento do individualismo romântico. Se, no momento anterior ao Romantismo, a família estava muito mais subordinada a contextos de trocas matrimoniais entre grupos identitários, emocionalmente desinteressadas, a ênfase na subjetividade e na sensibilidade românticas permite que os laços conjugais sejam compreendidos como baseados no amor e na livre-escolha dos indivíduos. Essa mudança nas referências culturais do matrimônio traz

consequências para a estrutura familiar, que passa a ser vista como o berço do indivíduo moderno.

“A família não deve ser mais apenas uma teia de relações que se inscreve em um estatuto social, em um sistema de parentesco, em um mecanismo de transmissão de bens. Deve-se tornar um meio físico denso, saturado, permanente, contínuo, que envolva, mantenha e favoreça o corpo da criança. (...) O que acarreta também uma certa inversão de eixo: o laço conjugal não serve mais apenas (nem mesmo talvez em primeiro lugar) para estabelecer a junção entre duas ascendências, mas para organizar o que servirá de matriz para o indivíduo adulto” (Foucault, 1979, apud Duarte, 1995)

Outra consequência dessa reestruturação da instituição familiar é que, formados os indivíduos que, por sua vez escolherão livremente seus pares segundo as emoções do amor, uma nova unidade familiar se formará, independente - assim como os indivíduos que a formaram - da unidade de origem.

“A maior parte das características sociomórficas atribuídas aos efeitos da individualização nas sociedades modernas é inseparável das características do modelo de *família* aqui analisado: a primeira delas é certamente a da “fragmentação”, a da redução das unidades sociais à sua forma mais “indivisível”, fazendo com que a própria “família nuclear” possa corresponder a uma espécie de Indivíduo (*indiviso*) coletivo.” (Duarte, 1995: 32)

Seguindo tais valores, a família militar mantém-se “indivisa”, apesar das dificuldades para o estabelecimento dos projetos individuais das esposas dificilmente compatíveis com a freqüência das mudanças de seus maridos. Cumpre acrescentar que quase sempre as esposas permanecem distanciadas das famílias de origem, assim como seus maridos.

Sendo escasso o contato com as famílias de origem, é natural que se voltem para seus pares, as outras famílias que residem nas vilas e prédios militares. Isso é especialmente verdadeiro para as mulheres, uma vez que seus maridos têm condições de desenvolver outras amizades a partir de seus ambientes de trabalho.

Então o que que a gente faz? A gente se ajuda. Uma depende da outra pra um quebra galho, uma festinha, filho doente. A gente fala que é a família militar. E é verdade. Uma ajuda a outra. Tem esse lado muito bom. E o melhor ainda é quando depois de muitos anos nós vamos encontrar as mesmas amigas, de quando o filho era pequeno, de quando nasceu o neném e ela ajudou. E isso é bom. (...)

“Porque a gente passa a maior parte das nossas vidas em contato com esses amigos, e não com o mundo familiar”

O sentimento de união e solidariedade parece ser reforçado nas muitas reuniões sociais que acontecem neste ambiente. Os chás, festas, jantares, churrascos, etc, são organizados pelas mulheres, podendo ser restritas à participação feminina ou contar com a presença dos maridos.

“E como a gente está longe da família, a gente faz almoço de Páscoa, de dia das Crianças, sempre organiza uma gincana... Até também para as crianças não sentirem falta. A gente acaba reunindo. [Entrevistador: Onde?] Ou é em casa, com poucas pessoas, ou é no clube. Em todo lugar que a gente chega tem uma estrutura com clube, hotel de transito, então a gente consegue se organizar pra fazer. (...) Mas depende da liderança. Como eu sou muito festeira, eu já chego trabalhando. Algumas são recém casadas, e como a gente muda muito, nem todas se conhecem... Então é um momento pra gente também acabar se conhecendo. E isso faz parte pra gente não sentir solidão. Porque acaba sendo uma vida muito solitária. (...) O objetivo do nosso grupo é unir, é juntar. É formar mesmo essa família, e pra gente se conhecer. E todas participam (...)”

Tal ênfase na união e na camaradagem é característica conhecida da instituição militar (Castro, 1990). A preeminência da coletividade no mundo militar é considerada fundamental para seu bom funcionamento, caracterizando a dinâmica na caserna. Esta dimensão pode extrapolar os aspectos profissionais, penetrando na própria vida familiar. Há um incentivo formal por parte da corporação à confraternização, à união de todos os membros da grande e idealizada família “família militar”<sup>4</sup>. Além dos eventos patrocinados pelo Exército (como o “Baile de Boas Vindas” para os novos alunos e o “Baile das Nações”), existe a atribuição de cargos às esposas, objetivando a integração entre os oficiais e suas famílias. O cargo de “xerife da turma”, conferido à esposa do “xerife da turma da Eceme” (o aluno mais antigo, cuja função é representar a turma), é um exemplo deste movimento de integração. A “xerife” é apresentada no evento oficial de boas vindas às famílias, cabendo-

<sup>4</sup> Nem todos parecem pensar da mesma maneira, como uma mulher, cujo marido sofreu uma parada cardíaca em um jogo de futebol com seus amigos no quartel, e acabou ficando dois anos e meio em coma até falecer. Esta viúva mudou sua visão sobre esta dita “família militar” desde que seu marido entrou em coma. Para ela, tantas reuniões sociais não tinham somente o objetivo de unir as pessoas, mas também de: “(...) forçar um comportamento, um pensamento, um modelo. Eu acho que é pra botar todo mundo no cabresto”. Ela conta que no momento em que seu marido entrou em coma, a chamada “família militar” desapareceu. Ela não contou com o apoio dos amigos da vila militar, e teve que lidar com o problema sozinha. A ausência de qualquer tipo de apoio por parte daqueles que um dia achou serem seus amigos, fez com que passasse a ver a vida militar e a união e a camaradagem que nela parecem imperar, como uma “ilusão”.

lhe a responsabilidade de organizar atividades coletivas reunindo as demais esposas. A chegada de uma nova turma à Eceme fornece um outro exemplo de estímulo a este espírito de camaradagem que valoriza a coletividade. Aos novos casais é atribuído um casal de “padrinhos”, quase sempre da turma antiga, responsáveis por ajudar os recém-chegados na mudança e na ambientação.

“Não tem como não participar. Porque você encontra no elevador, porque batem na sua porta. Porque quando você chega, você tem uma madrinha que é do segundo ano e que... enfim, tem que participar. É parte do jogo, né.”

Assim, além da importância que ocupam na vida doméstica, as mulheres de militares também desempenham papel relevante no que se refere à trajetória profissional de seus maridos, desde o apoio afetivo e o companheirismo que os estimula a seguir em frente, até a influência que podem exercer no bom relacionamento de um superior para com seu marido, o que eventualmente resulta em benefícios concretos para a carreira.

“Eu quando... [Risos] Agora eu vou falar que nem aquelas mulheres, ‘quando nós fizemos Estado Maior’... [risos] Têm muitos que até mandam fazer um diploma, dão para as esposas... aqueles agradecimentos, placa de prata agradecendo... [risos]”

“(...) Na verdade, eu sempre falo: o militar realmente é a mulher. Porque quem investe realmente nessa parte somos nós. Nós que estamos ali do lado. É engraçado, eu falo muito isso pro meu marido, é uma das poucas profissões que nós mulheres trabalhamos junto. Nós estamos ali junto. É chazinho, a gente tem que fazer, é jantar, nós vamos junto. É uma profissão que a mulher também está integrada. A única reclamação que eu faço é que nós não temos salário. [risos] A gente devia ganhar muito bem... [risos] E, principalmente, porcentagem de mudança, porque é uma trabalheira. Mas é uma coisa boa. A gente gosta. A gente interage com eles, a gente participa de tudo da vida deles. E eu acho que isso também é bom pra eles, nós estarmos presentes. E Acho que isso impulsiona eles a estarem trabalhando. Eu acho que a mulher tem que ser assim a base do lar. Também por eles trabalharem muito. Muitos estão estudando muito, então na maior parte do tempo estão ausentes e a gente que tem que segurar. Mulher de militar segura a barra. Segura mesmo.”

Diante dos comentários acima apresentados, poderia ser possível concluir que as mulheres de militares, ao abrir mão de seus projetos pessoais e carreiras profissionais para seguir a trajetória de seus maridos, reproduzem um modelo de família tradicional, em que o marido trabalha e sustenta o lar,

enquanto a mulher permanece em casa, submissa, cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos.

No entanto, as entrevistas revelam que as mulheres se percebem em uma posição de igualdade em relação aos maridos, sobretudo quando reconhecem o papel relevante que desempenham em suas carreiras. Elas abriram mão de seus projetos pessoais, não trabalham fora, dedicam-se à casa, aos maridos e aos filhos, mas enfrentam como podem dificuldades impostas pela vida militar. Elas não trabalham para os maridos, mas sim, com eles:

“Você vai escutar muito ‘quando eu servi em Pelotas’... A mulher diz, muito. ‘Quando nós servimos em tal lugar’... Porque ela vai junto!”

Nenhuma das entrevistadas pareceu carregar consigo algum arrependimento por ter se casado com um militar. Muito pelo contrário, não economizam elogios à carreira dos maridos e procuram ressaltar sempre os pontos positivos de suas vidas.

“(...) E hoje eu acho que eu não viveria outra vida. Eu adoro ser mulher de militar.”

## Bibliografia

BOTT, Elizabeth. 1976 [1971]. *Família e rede social*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Ed.

CASTRO, Celso. 1990. *O Espírito militar: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro, Zahar

DUARTE, Luiz F. D. 1995. “Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família”. In.: *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. Ivete Ribeiro, Ana Clara Torres Ribeiro (orgs.). São Paulo, Loyola.

VELHO, Gilberto. (org.). 1989. *Desvio e divergência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.  
\_\_\_\_\_. 1994. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.